

## Adib Jatene

### uma vida a serviço da comunidade

Nelson Guimarães Proença

Em outubro de 2009, o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e o jornal *O Estado de S. Paulo* conferiram ao Professor Adib Jatene o “Prêmio Professor Emérito de 2009”, simbolizado em ato solene com a entrega do “Troféu Guerreiro da Educação”. Como todas as demais homenagens que o Professor Jatene já recebeu, também esta foi amplamente merecida. Conheço, convivo, admiro e respeito Adib Jatene desde o tempo em que fomos contemporâneos na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Convidado para o evento, não me foi possível comparecer. Apesar disso, ao receber o convite, recordei alguns episódios que marcaram alguns de nossos contatos pessoais em diferentes épocas. Percebi que, puxando pela memória, havia caminhado por quase seis décadas de nossas vidas. Para compartilhar esses momentos, acho que serei por ele perdoado se tomar uma carona na homenagem que lhe foi prestada. Penso que Jatene não vai me negar essa carona.

#### 1951

Ingressei na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em fevereiro 1951.

Ao mesmo tempo em que vivíamos as agruras do trote, éramos procurados pelos veteranos que praticavam esportes na Associação Atlética do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC). Queriam saber de nossa aptidão esportiva, para fazermos nossa iniciação na Atlética. Para mim, tocou a participação no futebol e no atletismo.

O foco das preocupações, já no primeiro semestre, era a preparação para enfrentarmos o Mackenzie, na famosa Mac

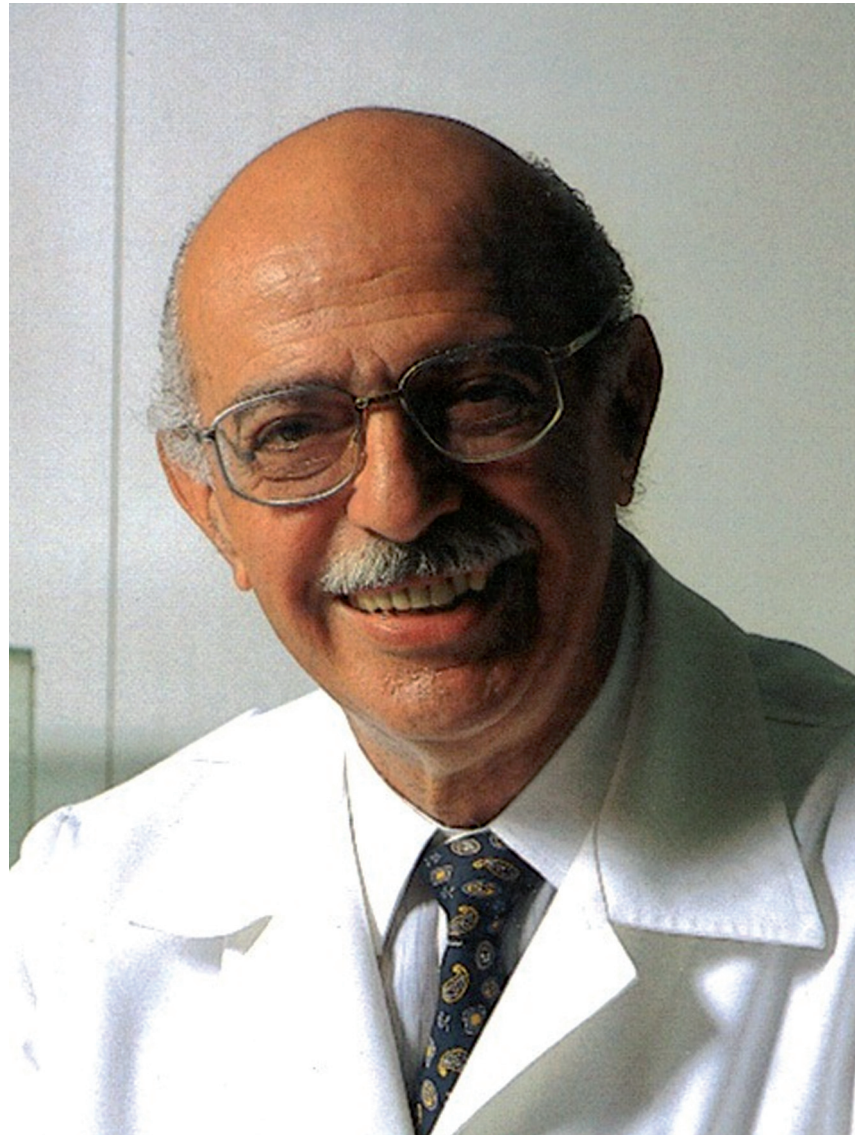
Med, que seria realizada no final de setembro. A Atlética havia conseguido permissão do Clube Atlético Paulistano para que pudéssemos realizar o treinamento em suas instalações. E lá fomos nós, calouros, para sermos testados pelos veteranos.

Em um fim de tarde de maio, já estávamos terminando nosso treinamento, quando adentrou a pista de atletismo um esportista enorme. Pelo menos nos pareceu enorme, em seus quase um metro e noventa, com postura empertigada que o fazia ainda maior. Massa muscular de fazer inveja a nós, calouros, que nos apresentávamos como candidatos a atletas. Soubemos, depois, que toda aquela aptidão física para o esporte era cultivada não só nas pistas de atletismo mas também na prática do remo, ao tempo em que Rio Tietê era uma raia olímpica de qualidade. O recém-chegado deu algumas voltas na pista, para esquentar, e, em seguida — recordo-me bem —, tirou tempo nos mil metros rasos. Fantástico, não deixava dúvida de que iria ganhar a prova na Mac Med. Ganhou! De quebra, ganhou também sua prova no remo, o iole a dois, em que remava tendo por companheiro Miguel Zuppo.

*Foi assim que conheci Adib Jatene, o esportista.*

#### 1956

A turma de calouros de 1951 iria se formar em 1956. Quando estávamos no quinto ano, portanto em 1955, fomos procurados por Murilo Viotti, que era o Chefe dos Residentes do Hospital das Clínicas. Sua ideia, que já contava com o apoio dos órgãos de direção da Faculdade e do HC,



Disponível em: <<http://acertodocomas.blog.br/wp-content/uploads/2007/11/adib-jatene.jpg>>.

era transformar o sexto ano em um internato obrigatório. De certa forma, estaríamos antecipando o que já se fazia na Residência Médica. E era para esta que nos preparávamos.

Nossa turma aderiu entusiasticamente à proposta e participou de todas as etapas do processo, até sua aprovação final, pelo Ministério de Educação e Cultura. Fomos, portanto, uma turma de pioneiros, trazendo essa inovação para o curso médico. O internato depois se consagrou, sendo adotado em todas as demais Faculdades de Medicina do País.

Meus primeiros meses de internato foram passados nas enfermarias de Cirurgia, iniciando pela área de Tórax. E isso ocorreu exatamente quando estavam sendo praticadas as primeiras intervenções sobre a válvula mitral. Tínhamos uma excelente equipe de cirurgiões, na qual se destacava a figura de Euryclides de Jesus Zerbini. Contudo, não bastava a habilidade manual do operador. O êxito cirúrgico depen-

dia, e muito, da equipe de apoio. E nesta se destacava o jovem cirurgião Adib Jatene, há pouco saído da Residência Médica, que já era reconhecido não só por sua aptidão mas também por sua criatividade. Imaginava aperfeiçoamentos dos equipamentos e propunha novas soluções, contribuindo decisivamente para o aprimoramento da técnica cirúrgica em intervenções cardíacas. Primeiro no Hospital das Clínicas; depois, no Hospital Dante Pazzanezi, tornou-se figura exponencial no campo da Cirurgia Cardíaca.

*Foi em 1956 que conheci Adib Jatene como cirurgião cardíaco e já se antevia, então, um futuro brilhante nessa área.*

### 1979

Em outubro de 1978 tivemos eleição, indireta, para escolher o novo Governador de São Paulo. Surpreendendo muitos, Laudo Natel foi derrotado por alguém que era

emergente no cenário político: Paulo Maluf. Ao novo Governador coube designar seu Secretariado. Talvez para apagar o incêndio que provocara — e desfazer ressentimentos —, no início de 1979 Maluf nomeou alguns nomes de prestígio para ocupar diversos setores da administração pública. Para a Secretaria da Saúde, convidou Adib Jatene.

Recordo-me de um episódio que se passou no dia seguinte ao ser dada essa notícia pelos jornais. Eu estava atravessando o jardim da Santa Casa de São Paulo, quando cruzei com um de nossos professores, José da Silva Guedes. Ele era o titular do Departamento de Medicina Social da nossa Faculdade de Ciências Médicas. A vocação do Professor Guedes como administrador da saúde já tinha sido reconhecida e se estendia para fora dos muros da Santa Casa de São Paulo. Guedes tinha participação direta na administração pública, seja por si, seja por seus assistentes, ou, ainda, por seus residentes de Medicina Social, que todos os anos formava. No quadriênio 1975-1978, Guedes esteve diretamente ligado ao então Secretário da Saúde de São Paulo, o Professor Walter Leser (este oriundo da Escola Paulista de Medicina). Recorde-se que, na época, outro membro do grupo de Medicina Social da Santa Casa, José Carlos Seixas, era nada menos do que o secretário-geral do Ministério da Saúde. O ministro era o Dr. Paulo de Almeida Machado. Portanto, com a colaboração de quadros do Departamento de Medicina Social da Faculdade da Santa Casa, havia-se caminhado bastante, no quadriênio 1975-1978, na área de Saúde Pública.

Nesse encontro ocasional no jardim da Santa Casa, paramos para conversar um pouco, Guedes e eu. Que rumos o novo governo iria tomar? Guedes manifestou sua preocupação sobre o que poderia ocorrer no âmbito da Secretaria da Saúde. Os técnicos que davam apoio ao secretário Walter Leser eram, na maioria, pessoas de vocação socialista, que se colocavam na esquerda do espectro político. As informações de que dispunham sobre o recém-indicado, Adib Jatene, eram sobre uma suposta formação extremamente conservadora, direitista mesmo. Anteviam um convívio difícil, talvez conflituoso.

Nesse dia, eu tive a oportunidade de desfazer o que chamei de grande equívoco. Estavam com uma imagem totalmente errônea de Jatene. Recordei para Guedes os anos em que fora contemporâneo de Jatene na faculdade. Naquele início dos anos 1950, o movimento estudantil era muito participante da vida pública nacional. Nas faculdades existia um movimento socialista importante, de vários matizes, ao qual

eu me associara. Havia também a Juventude Universitária Católica (JUC), que crescia rapidamente e ocupava espaços cada vez mais amplos. E ainda uma forte militância conservadora, ligada à União Democrática Nacional (UDN) e a Carlos Lacerda. Pois bem, dizia eu a Guedes, em todas as campanhas que fizemos, nos manifestos que nós da esquerda lançávamos, sempre contávamos com a assinatura de apoio de Jatene. Embora ele não tivesse qualquer vocação para ser um ativista, um militante, nunca adotara sequer uma única posição mais conservadora.

Eu disse a Guedes, o que posteriormente se confirmou, que Jatene logo se destacaria como um dos melhores secretários de saúde que São Paulo já tivera. O tempo se encarregou de confirmar, completamente, o juízo que eu acabara de fazer.

*O Secretário Adib Jatene desenvolveu, à frente da Secretaria da Saúde, uma das mais criativas e produtivas gestões da Coisa Pública.*

### 1983

Em agosto de 1981, fui eleito para a Presidência da Associação Paulista de Medicina, tomando posse do cargo em outubro desse mesmo ano. No correr de 1982, fui procurado por Adib Jatene e o recebi na sala da presidência.

Contou-me que havia sido aberto concurso para preenchimento de vaga de professor titular no Departamento de Cirurgia da FMUSP, ao qual pretendia concorrer. Mostrou-me seu impressionante currículo de atividades docentes, profissionais e públicas, parte do qual já era de meu conhecimento. Explicou-me que, por ter feito toda a sua carreira fora dos quadros da Universidade de São Paulo, especificamente fora dos quadros da FMUSP, não tinha os mesmos títulos universitários de seus prováveis concorrentes, todos de reconhecido valor.

Sua inscrição precisaria ser aceita pelo critério de “Notório Saber”. Para ser enquadrado neste item, seria necessário apresentar declarações de pessoas que, de alguma forma, tivessem projeção e merecessem respeito no meio médico. E afirmou que eu já seria uma dessas figuras. Recordou que nossas carreiras universitárias eram semelhantes, feitas fora da faculdade em que nos formáramos, a USP. De fato, enquanto ele atuava no Hospital Dante Pazzanese e, depois, na Faculdade de Medicina de Uberaba, eu fizera a carreira universitária fora dos quadros da USP: doutorado na Unicamp, livre-docência na Escola Paulista de Medicina, professor titular na Faculdade de Ciências

Médicas da Santa Casa. Além disso, fora eleito Presidente da APM e, nessa eleição, recebera o apoio quase unânime da Congregação da Faculdade de Pinheiros. Por todos esses motivos, entendia que minha declaração, abonando seu nome, também poderia contribuir para sua aceitação, por ocasião da inscrição.

Nunca soube se fez uso dessa declaração. Mas me senti muito honrado com o pedido que me fez e entusiasmado quando, em 1983, ele ganhou o concurso para professor titular da FMUSP.

*Foi assim que acompanhei, antes mesmo do concurso, a trajetória acadêmica do Professor Adib Jatene, como titular de cirurgia da FMUSP.*

### 1990

A Presidência da Associação Médica Brasileira estava entregue a Antonio Celso Nassif, que já cumpria seu segundo mandato. Sua reeleição se dera para o biênio 1989-1991, de modo consensual, tal o desempenho vistoso e profícuo que tivera no biênio 1987-1989.

Nassif contou-me que havia lembrado ao Conselho Deliberativo da AMB que já por mais de 20 anos não se fazia a entrega da Medalha do Mérito Médico. Essa comenda destina-se a homenagear aqueles que se destacam no exercício profissional e na defesa dos princípios da boa Medicina. Dos que acreditam e praticam a Medicina não para acumular riquezas, mas, sim, para servir aos que sofrem.

Dois nomes foram aprovados para receber a Medalha do Mérito Médico: o de Adib Jatene e o meu. A cerimônia se deu ainda em 1990 e foi, para nós, plena de emoção. Afinal, não pode haver momento em que seja maior a sensação do dever cumprido, em que se recebe de seus pares tal manifestação.

*Adib Jatene já recebera outras homenagens desse porte, pelos serviços que prestou à Medicina e ao País. Outras se seguiram, o que o caracteriza como uma das mais expressivas figuras de nossa época, não só no meio médico mas também no universo da vida pública nacional.*

### 1994

Adib já havia deixado o Ministério da Saúde e ainda não fora convidado por Fernando Henrique Cardoso para ele voltar. Eu tinha algum assunto a discutir com ele e o procurei no Incor. Recebeu-me em sua sala de diretoria e foi, como sempre, atencioso. A conversa se dirigiu para as grandes questões da saúde no Brasil. Afinal, sua presença no Ministério da Saúde fora muito marcante.

Lá pelas tantas eu manifestei minha admiração pela maneira competente como conseguia administrar, simultaneamente, tantas atividades diferentes, todas de tão grande responsabilidade. Naqueles anos de Ministério da Saúde era também diretor do Incor, dirigente do Hcor. Com tanta responsabilidade, continuava a ter compromisso com seus pacientes, operando com regularidade.

Um fenômeno de onipresença. Afinal, como conseguia conciliar tantas atividades, simultaneamente? Sua resposta foi exemplar e merece ser lembrada. Vou tentar reproduzir o que disse, mais com minhas palavras do que com as suas.

“Quando aceito uma nova responsabilidade, não é para ser um mero burocrata, que despacha papéis. Sempre suponho que o convite foi feito porque há algo a ser reformulado, em busca de cenários melhores. Se meu objetivo é trazer contribuições que efetivamente signifiquem essa melhoria, tenho que acreditar que as diretrizes que vou traçar devem ter compromisso com o longo prazo e devem permanecer, mesmo depois de minha saída. Isso depende de eu formar uma equipe que se sinta comprometida com as propostas que foram feitas e aceitas. Assim, no dia em que eu for embora, essa equipe técnica continuará a obra iniciada, colhendo os resultados. Quando um administrador pensa dessa maneira, cada dia que passa não é um dia a mais em que está no comando, mas, sim, um dia a menos que tem para trabalhar e justificar a aceitação do convite quando assumiu esse comando. Vendo minha posição dessa perspectiva, duas coisas ficam evidentes: (i) formuladas minhas propostas, a tarefa principal que tenho é formar uma equipe comprometida com elas; (ii) é preciso ter em mente que amanhã não é um dia a mais que eu tenho para atingir o objetivo mas será, sim, um dia a menos. Tenho de pensar no depois, assegurando a continuidade da administração.”

*Esta é a maneira de pensar — e de atuar — de uma figura pública que não pensa em si, mas, sim, em seu país e em seu povo, aos quais procura servir.*

### 1996

A passagem de Jatene pelo Ministério da Saúde enriqueceu a discussão sobre os rumos que deviam ser tomados, pela Medicina Pública (leia-se o SUS), no Brasil. Foi por ele demonstrado, cabalmente, que dois grandes enfrentamentos deveriam ser feitos. Primeiro, tendo em vista a abrangência do SUS, eram insuficientes os recursos a ele destinados, sendo imprescindível aumentar seu orçamento. E, segundo,

era preciso rever a estrutura burocrática, “descomplicando” a burocracia administrativa, pois as “atividades-meio” consumiam (e consomem) grande parte desses (já escassos) recursos.

Não conseguiu obter o aumento de recursos orçamentários, vindos da cobrança de impostos. Contudo, recebeu autorização para trabalhar pela criação de uma contribuição especificamente destinada para a saúde, portanto, para o SUS. Sua peregrinação pelos Estados, buscando apoio dos governadores, e pelas salas do Congresso Federal, para obter a promessa de voto favorável de senadores e deputados, foi acompanhada pela imprensa e, portanto, pela opinião pública.

Nascia, assim, a CPMF, que ficaria vinculada estritamente à saúde. Dinheiro carimbado. Uma alíquota de 0,2% sobre toda e qualquer movimentação financeira iria assegurar um aporte substancial de recursos para o Ministério. Em que pese a descrença de muitos, seu trabalho de apóstolo, de evangelizador, conseguiu conquistar a maioria do Congresso, e a CPMF foi aprovada.

Nessa ocasião, eu era um dos membros da Câmara de Vereadores da Capital de São Paulo, bem como membro da direção estadual do PSDB, também em São Paulo. Pela posição que ocupava, no cenário político, trabalhei intensamente com a minha área partidária, visando vencer certas resistências. Adib Jatene não soube disso, mas aqui de baixo, da planície, dei à sua proposta meu quinhão de contribuição.

No entanto, efetivamente, nosso país ainda precisa melhorar muito para se tornar sério. Em abono à afirmação, devo relatar dois fatos que ocorreram logo a seguir. O primeiro: como já entrava bastante dinheiro da CPMF, reduziu-se o financiamento orçamentário, ficando tudo mais ou menos na mesma. O segundo: o êxito da CPMF (acima de 20 bilhões de reais por ano), despertou a cobiça de outros setores do Governo Federal. Não se passou muito tempo para que a alíquota da CPMF aumentasse e, assim, outras destinações foram dadas, mas não para a saúde.

*O prestígio de Adib Jatene como homem público ficou consagrado pela enorme votação obtida pelo projeto no Congresso Federal. Mérito seu, essencialmente seu.*

2006

Hospital do Coração, São Paulo. Em 5 de julho fui internado com o diagnóstico de uma obstrução vascular da

embocadura das coronárias quase completa. Indicação para cirurgia de revascularização, que seria trabalhosa.

Pela admiração profissional que sempre tive por Adib Jatene e pela estima que sempre nutri por ele, pedi que tomasse em suas mãos a responsabilidade pela cirurgia. Fui para a mesa confiante e sereno. Nenhum sobressalto. Ainda bem que esse era meu estado de espírito. Essa aceitação tranquila do que tinha de ser feito deve ter contribuído para a superação de inesperadas dificuldades que surgiram.

De fato, após cirurgia demorada, por várias horas, a permanência na UTI, para recuperação, foi por pouquíssimos minutos. O agravamento súbito das condições clínicas, com risco de morte iminente, obrigou que se fizesse nova cirurgia, por outro longo tempo. Ao todo, a equipe cirúrgica permaneceu na sala por quase 10 horas. Foi o que me contaram bem depois, após uma semana de recuperação em que fui mantido em coma induzido. Mas o final foi feliz. Voltei a me reintegrar à vida pessoal, profissional e acadêmica, estando até hoje em boas condições clínicas.

*Foi assim que o conheci ainda melhor, mas agora como seu paciente. A você, amigo Adib Jatene, devo a minha vida. Obrigado!*

**Nelson Guimarães Proença**

*Ex-presidente da Associação Paulista de Medicina,  
Ex-presidente da Associação Médica Brasileira,  
Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas  
da Santa Casa de São Paulo*

# Hildegard Schönfeld na ilha dos gatos

Arary da Cruz Tiriba

Face linda e atraente, pele alva e fresca, semblante sereno... esboço para um Michelangelo. Pais imigrantes alemães. Cabelos acastanhados fugiam ao padrão flavo germânico. Comedida nas palavras, espírito reservado, discreta, solícita e eficiente em seu trabalho na enfermagem, lealdade a toda prova. Graduação superior? Não, técnica de enfermagem.

Aos pais velhinhos e enfermos proporcionou atenção até seus últimos dias. Teve duas sobrinhas. A mais nova, órfã na infância, criou-a junto a si. Mãe por inteiro, dedicação integral. A mais velha casara cedo, manteve com Hilde laços formais. A sobrinha-filha, adotiva, teria sido uma razão para Hildegard renunciar ao matrimônio.

Sempre que o Dr. Abaetê organizava uma equipe multiprofissional móvel, nas emergências sanitárias, Hilde figurava entre os voluntários selecionados.

Dr. Abaetê conheceu por inteiro Hilde: a profissional, a amiga, a mulher. Nos bons tempos, requisitara-a, durante férias, para seu genitor necessitado de enfermagem. Aqueles que acompanharam o trabalho assistencial de Hilde comprovaram seu desvelo.

Jamais sedutores, mas Dr. Abaetê e ela cederam ao afeto recíproco. Raízes bem inseridas, fluidos atrativos levaram-nos por raras vezes à integração em um só corpo em uma alma só. No clímax da entrega, a face pálida de Hilde coloria-se de vinho. Rubra! Incandescente. Como lambidas das chamas vulcânicas!

*SENHOR TODO-PODEROSO! União do momento, não pecaminosa, SENHOR! por doação, carinho, fraternidade, afeição. Não premeditada. Estruturas não comprometidas. Mantidas regras, morais, sociais. [A confissão do Dr. Abaetê perante o Senhor e a sociedade.]*

Assim que atingiu a contagem para aposentadoria, Hilde retirou-se pensando em se voltar só à filha, toda coração. Contudo, a moça, em preparatório para a universidade, foi subtraída em circunstâncias dramáticas: hemorragias maciças provocadas pelo câncer de evolução ultrarrápida.

10, 9... 3, 2, 1, zero! Acionada a transformação de Hildegard Schönfeld. Não para a subida, mas, sim, para a descida. Isolou-se no vetusto casarão, patrimônio único; entre poucos herdeiros, a primeira da partilha. Parcos rendimentos não engordavam a economia. Furtiva, não apelava a ninguém. Medo da rua desenvolvido. Metrô a 200 metros nem chegou a conhecê-lo, negando-se a sair da casa por qualquer meio de transporte. O máximo a que se aventurava era abrir a

porta para comprar fruta no carrinho do ambulante. Não comparecia nem sequer ao banco para receber os irrisórios proventos. A sobrinha casada efetuava a retirada e, ocasionalmente — a cada dois, três meses —, trazia-lhe biscoitos, alguns embutidos, um mínimo de gêneros alimentícios e... das notas menores do Tesouro Nacional... algumas.

Hilde se abstera de procurar os antigos companheiros do hospital. Também porque jamais anunciara sobre o local da autosegregação. Após o encerramento de suas atividades na saúde, permaneceu ignorada.

No casaréu desgastado — de pé pela solidez —, oculto pela densa vegetação, Hilde permaneceu, sombra a mais, entre árvores, cipós, galharias, tapete de folhas secas. Até então, nenhum soterramento ocorrera, nem a da edificação, nem a da humana.

O doutor que desenhara sua moral e lealdade, jamais a ignorou. Aportou por vezes na sua ilha para confortar aquela que considerava irmã. Gostava de provocá-la sobre sua estranha situação, dizendo que ainda não soara o alarme.

— Você, a própria Jane, só lhe falta a Chita por companheira [a macaca dos episódios cinematográficos de Tarzan].

Hildegard Schönfeld reagia.

— Você faz pouco caso de mim.

Mas sobrevivia. A vizinha solidária comprava-lhe suprimentos essenciais. A agente escolar, do colégio confinado com o casarão, ofertava-lhe pelo muro dos fundos sobras das “quentinhas” das crianças do educandário. Como eram guardados os gêneros alimentícios? Na geladeira original. Refrigerador de porta permanentemente aberta. Há muito sem funcionar!

Hilde estava atualizada sobre os acontecimentos, inteirada das falcatruas dos políticos do País — pela TV estragada sem imagem e que só emitia voz! Ainda assim, instrumento para rezar com Padre Marcelo às 6 da manhã de domingo.

Não bastasse a vivência reservada, um marginal pula o portão de ferro lateral; Hilde, no quintal, é derrubada e estrangulada. Sufocada, não sabe como conseguiu gritar tão alto para atrair a vizinhança, o que obrigou o bandido a fugir, misturando-se entre os passageiros do primeiro ônibus, azar seu! A viatura policial deteve o veículo. Estava preso o bandido homicida. Hilde, traumatizada, presta-se à identificação...

Na sua ilha urbana, árvores não eram os únicos seres vivos. Convivência com imenso gatil. Membros incontáveis.



Dentro e fora da casa o rebanho felino desfrutava do espaço. De todos os temperamentos. Os inarredáveis no corredor de passagem. Os arredios. Aos pulos contra a vidraça, os desesperados pela presença estranha. Os indolentes ao sol sobre o teto de zinco do quarto de despejo. Abaixo deles, a entulheira. Sacos de lixo. Toneladas! Na relva, o gato morto, seco, mumificado! Referência de Hilde acerca da carcaça.

— Estou cuidando para enterrar...

Surpreendente! Entre muitas dezenas de animais, cada um atendia pelo nome próprio! Prontamente!

Dr. Abaetê teve consciência de quanto foi estimado por Hildegard Schönfeld. Respeito, admiração, amizade... resistentes, permanentes. Como o velho casarão.

No entanto, a cada visita anual a ilha estava por demais repleta. Móveis velhos quebrados. Restos de comida em panelas enferrujadas pelo chão e sobre a mesa... e na geladeira que não gela... dentro e fora, dessecados, mofados, dejetos dos felinos... Hilde não se dava conta do ambiente degradado. Deixava de comer em favor dos bichanos, sua razão de viver. Todos identificados pela *Central Hilde*.

Recusava qualquer auxílio.

— Não preciso de dinheiro.

— Você não pode continuar assim, vai acabar denunciada. Sua propriedade será interdita por força da vigilância sanitária.

— Isso nunca permitirei.

O que estaria sucedendo com a mulher linda e atraente do passado? — perguntava para si o Dr. Abaetê.

— Hilde, você aceitaria um religioso para lhe transmitir, quem sabe, a fonte espiritual?

Ela, que de hábito o acusava,  *você só vem aqui para me massacar*, não se opôs.

— Traga seu amigo missionário.

O sacerdote fez com que girasse 360°, colocou sobre ela sua mão enquanto a abençoava, frente e costas. Contudo, confidenciaria ao Dr. Abaetê, ficara impressionado. Ao centro do monturo, o espectro! De corpo inteiro. Desfiguração completa da formosura de outros tempos. A face seca. Até onde visível, grossas crostas das orelhas ao pescoço. Cabelos até a cintura, cinzento-amarelados, desalinhadados, maltratados, negligenciados. A decomposição. O entulho. O detrito a mais. Mas o contraste: dentro da cabeça: lucidez! Comunicação coerente! E, ainda remanescentes, suavidade, bondade...

Debalde a insistência do doutor em promover mudança. À última visita, levou-lhe um rádio de pilha [tomadas elétricas da casa, defeituosas, raras funcionavam] e uma caixa de chocolate. O rádio a deixou contente, o chocolate ofereceu à agente escolar para distribuição entre as crianças.

A televisão reformada não lhe chegou a tempo. Dias após, um transeunte espiou pela fresta do portão de ferro. Hilde sem vida, caída na sua selva.

A agente escolar ouvira sobre o tal Dr. Abaetê, lera algumas de suas matérias, tratou de avisá-lo. Ele e mais três pessoas compareceram à noite no velório do cemitério longínquo.

*SENHOR! Ouve-me outra vez, SENHOR! Sabes que oro todos os dias por aqueles que me cercam e pelos que me foram caros; entre eles, Hildegard Schönfeld; não posso antever como é o céu onde ela vive, SENHOR, mas posso imaginá-la de touca e avental branco, pura, resplandecente, cercada dos anjos, em sua ilha... vistos como bichanos. [A oração do doutor junto à falecida.]*

No dia seguinte, foi inteirado do fenômeno [ou mistério].

À madrugada, os despojos de Hilde foram cercados por gatos! Não os seus. De outra região. Anônimos... Solidários...

### Arary da Cruz Tiriba

Membro Emérito, ocupante da cadeira n. 81 (patrono Adolpho Lutz) e integrante da diretoria científica (2009-2010) da Academia de Medicina de São Paulo

# Hangman's Noose

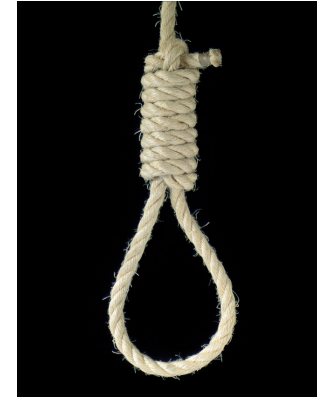
Luiz Celso Mattosinho França

Formado há pouco tempo, fui para os Estados Unidos, na Flórida, completar minha formação como patologista em 1957. Carregava já alguma experiência profissional em autopsias, obtida no Departamento de Anatomia Patológica da USP e no Serviço de Medicina Legal da Polícia. Assim é que, lendo o artigo de Arnaldo Amado Ferreira sobre o enforcamento de Cláudio Manuel da Costa, publicado agora por seu filho, meu contemporâneo de faculdade, rememorei os conhecimentos sobre a morte por enforcamento que eu possuía então, segundo a doutrina ensinada na Medicina Legal brasileira. Como choque cultural médico, entrei em contato com os conhecimentos sobre enforcamento vigentes no sul dos Estados Unidos, que me foram ensinados por um patologista mais velho, Joe Dyrenforth. Este tinha sido legislador de uma penitenciária de negros, no tempo da segregação, que, aliás, ainda perdurava em 1957, quando comecei meu estágio. Nessa penitenciária seguia-se a norma do “escreveu, não leu, a forca comeu”.



O enforcamento punitivo, judicial, não consta de nossa tradição penal, como ocorre no país do Norte, com raízes anglo-saxônicas, *vikings* e normandas. Na nossa gênese, os romanos, visigodos, suevos e muçulmanos não nos transmitiram a tradição do enforcamento; nessa circunstância,

usavam, antes, o estrangulamento com corda e nó corredeço, com ação direta sobre a laringe e o hioide — elevação da base da língua —, que consistia na compressão de vasos cervicais, ramos nervosos e do corpo carotídeo, conforme a doutrina ensinada por nossa Medicina Legal. Já o enforcamento anglo-saxão é mais complexo, dado o uso do *hangman's noose*, o nó do enforcador, no qual o nó corredeço é baseado no enrodilhamento da corda, que forma peça rígida, de um palmo de comprimento, comprimindo lateralmente o pescoço, além de estrangular.



O nó do enforcador, sempre colocado atrás da orelha esquerda, ao ser tensionado pelo peso do corpo, causa a chamada *hangman's fracture*, a fratura do enforcador, afetando as vértebras cervicais iniciais e seus processos transversos, lesando ou transecionando a medula espinhal. A liberação desta desencadeia a dança do enforcado e a ejaculação final, razão da ignomínia da morte pelo enforcamento anglo-saxão. Os enforcamentos dos condenados de Nuremberg, e mais recentemente de Saddam Hussein, foram todos executados com o *hangman's noose*. Já com o irmão de Saddam, dias após, houve a intercorrência da decapitação pela corda, que ocorre quando o corpo é pesado ou tracionado pelos auxiliares do carrasco. O mecanismo é em todo semelhante ao que nossas avós usavam para matar frangos, com a compressão da articulação atlanto-occipital, que, deslocada, desencadeia o debater e morte do destronado. O enforcamento com o uso do nó do enforcador é parte da cultura popular americana, e a exibição de amostras desse nó era parte das manifestações da Klu Klux Klan, dos linchamentos, bem como uma forma de ultrajar os negros em profissões acadêmicas.

Luiz Celso Mattosinho França

Ex-presidente e Membro Emérito da  
Academia de Medicina de São Paulo

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira e Arary da Cruz Tiriba

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*